



LUZ, CÂMERA, REFLEXÃO NO VISCONDÃO: UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA COM LITERATURA E CINEMA

Eixos Temáticos:

Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Palavras-chave:

Cinema, Educação, Filosofia, Literatura

Introdução

O propósito do trabalho é fazer uma análise e comunicar uma experiência filosófica que vem sendo desenvolvido no Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, com alunos do ensino médio no contra turno. A experiência caracteriza-se por ser a formação de um cine clube inicialmente, mas que no seu desenrolar adquiriu novo formato pela necessidade apresentada dos participantes, demonstrando assim a importância de ouvir os estudantes, suas contribuições para a produção de conhecimento e entender que o processo de ensino aprendizagem não se dá apenas do professor para o estudante, mas que essa relação se dá nos dois lados.

Porém, os modelos educacionais ainda insistem em métodos tradicionais que muitas vezes já não são capazes de propiciar um ambiente de aprendizado adequado, focando a aula no professor e não no desenvolvimento dos envolvidos, identificando a criança e o adolescente como um mero receptáculo de conhecimento já produzido pela humanidade, não se aproveitando das experiências e conhecimentos vividos por cada um dos envolvidos para enriquecer o desenvolvimento de todos, inclusive do professor.

Objetivos

Os objetivos da proposta relatada nesta comunicação são de promover uma experiência filosófica no colégio que propicie aos estudantes uma maior compreensão dos



temas trabalhados e uma alternativa ao ensino de Filosofia com materiais diversos e de maneira interdisciplinar.

Referencial Teórico

Todo o processo desenvolvido e as formas que a atividade tomou sempre levaram em conta as reflexões propostas por Paulo Freire (1987), principalmente aquelas que criticam uma educação baseada na transmissão passiva do conhecimento, a educação bancária. O que nos moveu foi a tentativa de promover situações de desenvolvimento em que a consciência crítica estivesse aliada a situações e problemas concretos, através de uma interação dialógica entre os participantes, uns aprendendo com os outros.

Metodologia

A ideia de realizar sessões de cinema acompanhadas de discussões já ocorria na Universidade, sendo promovida pelo PIBID Filosofia, convidando estudantes do ensino médio nas duas escolas que o subprojeto era desenvolvido. Consistindo na exibição de uma obra cinematográfica e posteriormente a discussão sobre os aspectos do filme fundamentado com um texto de apoio preparado por nós do PIBID, com base em um ou mais pensadores. A atividade ocorria uma vez por mês. Após três anos realizando dessa forma, resolvemos experimentar novos formatos na escola, para podermos analisar se atingiria um maior número de estudantes e se seria mais produtivo. O público que compareceu era outro, muitos alunos que não haviam participado na Universidade se fizeram presentes no colégio. Com o passar das sessões duas mudanças ocorreram em relação ao formato original.

Primeiro, os alunos do colégio passaram a ter um papel de protagonismo na seleção dos filmes e na elaboração das discussões, cabendo ao PIBID a orientação das obras e aprofundamento do conteúdo que seria apresentado. Dessa maneira, nós passamos a dar o suporte para que o cineclube ocorresse, mas os temas levantados se davam a partir das demandas que os próprios alunos levantavam.

A segunda mudança se deu em relação à inserção de um professor de Português, que gostaria de criar no colégio um clube de leitura. Entre conversas, surgiu à ideia de juntar o



clube de cinema com o clube de leitura, promovendo então a leitura de obras literárias. A discussão sobre as mesmas também ocorreu em caráter filosófico, além do suporte do PIBID para a fundamentação teórica das discussões com base em pensadores, selecionando e indicando materiais para aprofundamento, finalizando com a projeção da adaptação do texto literário para o cinema, seguido de uma análise entre os participantes.

Essa experiência ocorreu inicialmente no final do ano de 2016, sendo a obra literária escolhida “Ensaio sobre a cegueira”, do português José Saramago, de mesmo nome da adaptação cinematográfica, do diretor brasileiro Fernando Meirelles. Sendo fundamentada pela obra dos pensadores Adorno e Horkheimer (1947). O livro consiste numa crítica à modernidade, uma crítica mais específica no que se refere ao uso da razão na modernidade. Um uso que, no afã de um conhecimento abstrato sempre progressivo acerca de tudo e buscando cada vez mais o novo em detrimento do antigo, terminou por deixar-nos ignorantes de nós mesmos. Neste sentido, pode-se afirmar que, tanto no filme quanto no romance, a cegueira branca se mostra como uma metáfora das consequências da modernidade, de sua forma própria de pensar e agir: possuímos a razão, mas não a usamos da melhor forma e, por isso, terminamos por perdê-la ou pelo menos por nos tornarmos cegos ou ignorantes da mesma. Desse modo podemos nos perguntar o que levou a humanidade a essa ignorância da razão? O que é a razão?

Para exemplificar mais uma vez, uma das obras estudadas neste ano foi à leitura de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, com análise do filme sob a direção de Suzana Amaral. A análise filosófica se deu a partir da discussão de conceitos como indústria cultural, baseada em Adorno e Horkheimer em que os personagens se encontram alienados, assim como os conceitos de minoria e massa expressas por Ortega y Gasset, em que os personagens podem ser identificados a uma maioria no sentido que o autor utiliza essa expressão, pois estão contentes em participar da massa que não reivindica ou luta por algo que os diferencie dos outros, contentam-se com o que está posto. Além de questões existenciais presentes na obra são levantados e relacionam-se com o conceito heideggeriano de ser-no-mundo.



Análise de dados

Ao analisar a atividade e o seu desenvolvimento é possível perceber situações positivas e que contribuíram para o desenvolvimento do projeto, como a participação efetiva de alguns estudantes, o protagonismo por parte deles ao levantarem questões, colaborarem para a discussão, propondo livros e filmes, aprofundando aquilo que era do seu interesse. Em muitos momentos diferenciou-se de um ensino tradicional, baseado na orientação e comunicação apenas do professor, sendo o estudante encarado como um receptáculo de informações e conhecimento. Porém, também é possível perceber alguns problemas com relação ao desenvolvimento da atividade, sendo uma delas a baixa participação dos estudantes. Em um universo de 13 turmas do ensino médio e magistério do turno da manhã, a frequência de estudantes girava em torno de sete estudantes inicialmente, mas que acabou tendo uma diminuição para quatro efetivos nos últimos meses. Esse número sempre oscilou, tendo encontros com 15 alunos, mas que muitos vinham em um ou dois encontros e não retornavam, ou vinham no primeiro e depois no último da obra. Algumas hipóteses podem ser levantadas, mas não podem ser definidos como os motivos concretos do problema, que são: o não interesse pela obra ou assunto, a coincidência do horário com outras atividades que eles tinham como cursos, a morosidade no avanço das obras ou a maneira que a atividade era desenvolvida, já que fugia dos padrões que eles estavam acostumados. Esperava-se que tivessem um protagonismo ao quais alguns estavam assumindo, provocando-as a participar de maneira efetiva nas discussões, o que pode ter desestimulado.

No entanto, em análise ao fim do semestre, os participantes efetivos apontaram uma mudança na metodologia da atividade que gostariam de promover, que é alterar o formato de leitura em grupo para uma leitura individual e os encontros serem baseados apenas nas discussões e levantamentos de questões sobre as obras e seus temas, pois segundo eles é maçante e de difícil acompanhamento à leitura em grupo, ocorrendo que cada um tem o seu tempo de leitura e pouco tempo havia para aprofundamento das discussões. Seria também esse um dos possíveis problemas na baixa adesão daqueles que vieram e não retornavam para a continuidade do projeto.



Resultados alcançados

A partir dessa experiência e seus formatos, é possível perceber que há espaço nas escolas para atividades que promovam uma educação voltada para o pensamento crítico, para a autonomia do indivíduo, promovendo aquilo que Kaplún (1999) identifica importante que é o sujeito realmente compreender e apreender algo a partir do momento que ele comunica aos outros, além de interagir professores de disciplinas diferentes dentro de um mesmo projeto. É certo que vários outros condicionantes devem ser levados em conta, como estrutura, disposição e disponibilidade dos participantes, incentivo da escola e persistência. Não vemos como um fracasso a baixa adesão, mas sim como uma oportunidade concretizada que esses poucos participantes tem e conseguem aproveitar devido aos fatores que lhes possibilitam fazer-se presente. A experiência tende a continuar e apresentar diferentes modelos para serem experienciados e definir qual a melhor maneira de dar continuidade, sendo importante para o desenvolvimento dos estudantes do ensino médio, acadêmicos participantes do PIBID e os professores envolvidos.

Referências

Adorno, T.; Horkheimer, M. **Dialética do esclarecimento**. 1947.

Adorno, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Heidegger, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Kaplún, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, (14): 68 a 75, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36846>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

Ortega y Gasset, J. **A rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.